****

**Oração constante como alimento da fé,**

**não para obter favores divinos.**

**Vigésimo nono domingo do Tempo Comum**

**20.10.2019**

Amados irmãos e irmãs, que a paz do Senhor esteja presente na vida de vocês!

Nas últimas semana, refletimos sobre o poder da fé, capaz de inimagináveis transformações em nossa vida, possibilitando-nos, cada vez mais, participar da construção cotidiana do “Reino”. Mas essa capacidade de transformação, de libertação, leva-nos, também, à consciência de que tal poder nos é dado pelo Altíssimo, não sendo originário de nossa limitada natureza humana, infundindo-nos, assim, o permanente impulso de gratidão. Alimentados pela verdade divina e conduzidos pela força do Santo Espírito que em nós habita, teremos sempre a consciência da presença de Deus em nossa vida, gerando-nos uma amorosidade e um senso de partilha desinteressada com o próximo, e levando-nos, de forma associada, a uma vida de humildade e plena de paz. Nessa caminhada, não estaremos limitados à estática postura do ouvinte diante dos ensinamentos de Jesus, pois estaremos concretizando em atos e testemunhos os valores do “Reino” por Ele a nós apresentados.

Continuamos, nesta semana, ao lado de Jesus em sua caminhada espiritual a Jerusalém, com sua rica e divina catequese, a qual estimula e alimenta a nossa contínua evolução espiritual. Mantendo-nos na narrativa evangélica de Lucas, deparamo-nos com a parábola apresentada por Jesus do juiz iníquo e a viuva insistente, a qual nos leva à reflexão sobre a importância da fé nos impulsionando à oração contínua, não como forma de convencimento a Deus para obtenção de nossos desejos, mas para retroalimentar e fortalecer a nossa própria fé. Atentemo-nos ao texto de hoje e busquemos, após dedicada reflexão, a sua aplicação em nosso cotidiano.

1[Jesus] Contou-lhes ainda uma parábola para mostrar a necessidade de orar sempre, sem jamais esmorecer. 2“Havia numa cidade um juiz que não temia a Deus e não tinha consideração para com os homens. 3Nessa mesma cidade, existia uma viúva que vinha a ele, dizendo: ‘Faz-me justiça contra o meu adversário!’ 4Durante muito tempo ele se recusou. Depois pensou consigo mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus, nem respeite os homens, 5contudo, já que essa viúva está me dando fastio, vou fazer-lhe justiça, para que não venha por fim esbofetear-me’”. 6E o Senhor acrescentou: “Escutai o que diz esse juiz iníquo. 7E Deus não faria justiça a seus eleitos que clamam a ele dia e noite, mesmo que os faça esperar? 8Digo-vos que lhes fará justiça muito em breve. Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?” (Lc 18,1-8)

Antes de nos aprofundarmos no texto acima, buscando sua aplicação em nossa vida, é importante atentarmo-nos três observações preliminares. Uma delas é o período em que Lucas escreve seu Evangelho, pouco antes do final do primeiro século, época em que a hostilidade aos seguidores do Nazareno eram intensa e ferrenha, por parte tanto dos judeus como das demais pessoas consideradas pagãs, situação que levava os cristãos a clamarem ansiosamente pela volta do Messias ou pela sua intervenção amorosa no auxílio e na defesa do seu povo. O segundo aspecto refere-se ao contexto dentro do próprio Evangelho lucano, pois a parábola hoje em destaque dá sequência a um discurso escatológico que se refere à vinda gloriosa do Filho do Homem (Lc 17, 20-37). E o terceiro ponto diz respeito à exclusividade de Lucas ao narrar a parábola da viúva persistente e o juiz iníquo, podendo, porém, ser comparada apenas a outra parábola, também narrada por Lucas, do amigo importuno que nos traz um homem usando de uma abordagem obstinada junto ao amigo para conseguir o que deseja.

Irmãs e irmãos, somos exortados pela passagem de hoje à persistência na fé e na esperança, contrapondo-se à fala desanimadora que brota dos corações humanos diante das condições desfavorecidas e das adversidades que nos deparamos em nosso dia-a-dia, não permitindo, assim, que elas obstaculizem nossa caminhada de crescimento espiritual e de libertação.

Jesus não nos estimula ao tolo otimismo, acreditando que tudo se transformará de imediato, num piscar de olhos, basta que oremos e que peçamos mudanças ao Pai. Por outro lado, Ele também não nos exorta ao pessimismo e à entrega ao desânimo nascidos das dificuldades enfrentadas e do nosso foco na nossa limitada capacidade humana. Tenhamos a consciência de que, a apontada oração continuada pelo Divino Mestre, mencionada por alguns contempladores como “vida orante”, serve muito mais para alimentar nossa fé, nossa força de luta, nossa paciência diante das adversidades e a busca dos aprendizados possíveis e necessários mediante o enfrentamento dos problemas vivenciados. Não objetiva transformações pontuais, de uma hora para outra, mas sim a nutrição espiritual em um processo de evolução contínua.

Jesus, nesta passagem, ensina-nos a confiar na justiça divina. Não na certeza de que teremos o que pedimos, desde que sejamos insistentes, mas, certamente, teremos o que precisamos para nosso crescimento, servindo, nossa oração continuada, para alimentar a nossa fé, o nosso discernimento e a nossa adequada compreensão e apropriada aprendizagem. Deus jamais nos desampara ou nos abandona, pois, como amor infinito e sempre presente, Ele está permanentemente em nós, basta que o reconheçamos como condutor de nossa vida. Porém, se sofremos, se nossas dores perduram apesar de nossas súplicas, não significa que temos de orar mais para que as mudanças pleiteadas ocorram, tampouco que estamos sendo castigados por Ele, isso quer dizer que precisamos nos manter em oração, para que, alimentando continuamente nossa fé, consigamos obter o aprendizado necessário a ser obtido das adversidades vividas, igualmente dos mometos prazerosos, com vistas à nossa evolução.

Lembremo-nos como ocorre a obtenção dos valiosos diamantes. Esta pedra preciosa, em sua condição bruta, é obtida a partir do magma existente bem abaixo da crosta terrestre, que se mantem sob altíssimas pressões, ao longo de séculos de disposição de camadas de magma, umas sobre as outras, levando à petrificação e resultando na pedra bruta do diamante. Apesar de seu alto valor nesse estado, para sua comercialização com elevado e verdadeiro valor comercial, faz-se necessário que ele seja lapidado e sua dureza extrema seja enfrentada, em um processo paciente e demorado de lapidação. Dessa forma, temos uma verdadeira pedra preciosa de altíssimo valor. Nascemos pedras brutas, apesar de nosso valor original, pois somos a imagem e semelhança de Deus em essência, especialmente em nossa potencialidade. Porém, necessitamos ser lapidados, trabalhados, precisamos passar por um processo longo de transformação, mais semelhante à libertação, pois as camadas de excesso que nos são retiradas correspondem a tudo que nos aprisiona às coisas e condições deste mundo, levando-nos à ilusão de similitude com ele. Ocorre que, não por meio da dor e do sofrimento, em si, mas pelo aprendizado obtido no enfrentamento com fé dessas situações, evoluímos, crescemos e aprendemos a nos libertar de tais amarras, tornando-nos melhores e cada vez mais evoluídos espiritualmente.

Assim sendo, a oração constante, a vida orante, está direcionada não à petição insistente até que Deus nos atenda, mas sim ao crescimento e aperfeiçoamento de nossa fé, lapidando-nos, mantendo-nos conectados continuamente com a transcendência, permitindo-nos a percepção do Santo Espírito em nós e impulsionando-nos à nossa entrega nas mãos do Altíssimo para sermos por Ele conduzidos. Aprendamos por meio das adversidades, a ponto de agradecermos por elas. Deus não precisa ser lembrado ou convencido de nossas necessidades por meio de pleitos insistentes. A oração continuada é uma necessidade humana, não para que sejamos atendidos, mas para nos mantermos ligados a Deus, e, assim, possamos fortalecer nossa fé.

Não podemos, no entanto, nos afastar de alguns detalhes da parábola apresentada, debruçando-nos sobre ela e retirando aplicações cotidianas.

Inicialmente, atentemo-nos à personagem da viúva que trazia em si, segundo a tradição judaica, a representação icônica de uma pessoa desamparada, excluída, até mesmo pelo poder divino, em decorrência de possíveis atos indevidos. Chama-nos a atenção sua condição de abandono e impotência, especialmente porque, à época, uma mulher somente recorria diretamente ao juízo quando era desprovida de um homem para faze-lo, para interceder por ela. Além de sozinha, ainda tinha um adversário que a ela se contrapunha, como nos é explicitado em sua petição (v. 3). Dessa forma, pode-se depreender que Jesus propôs-se a descrever uma pessoa que experimenta importantes dificuldades, e, mesmo assim, é-nos destacada a importância da persistência da oração, na manutenção da crença da presença de Deus e na certeza de que jamais devemos esmorecer ou desistir (v. 1). Tal incentivo não aponta somente para a prática orante tradicional, mas a manutenção de nossa vida justa, fiel, ética e humilde, partilhando nossos bens e depositando-nos sempre nas mãos de Deus, para que sigamos nossa vida como instrumentos de amor e paz, comprometidos com a construção permanente do “Reino”. É como se diz: “*dando pernas às próprias orações*”.

Percebamos que Jesus compara a justiça humana, falha, lenta, egoísta e muitas vezes perversa, com a justiça divina. Mesmo assim, a primeira, por meio da insistência da viúva, apesar do desagrado de fazê-lo, acaba concedendo o que lhe é pedido. Imaginemos, então, a justiça divina, cuja principal característica é o infinito amor e a universal misericórdia, diante de cada um de nós, sua amorosa criação. Não que tenhamos sempre nossos desejos atendidos, tampouco que necessitemos pedir insistententemente a Deus por eles, mas, certamente, teremos tudo para que consigamos evoluir espiritualmente até a plena libertação e auto-realização, desde que atentemo-nos para tal processo, que tenhamos fé e a sua decorrente ação.

Jamais devemos nos esquecer que, pela nossa limitação humana, será impossível a nossa plena compreensão da parábola hoje em tela, quanto mais dos desígnios de Deus, de seus propósitos inescrutáveis, razão pela qual, no trecho de hoje, Jesus destaca a necessária presença da fé sobre a terra e de nossa entrega plena, permitindo que sejamos completamente conduzidos pelo Espírito de Deus. Que assim seja!

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Rev. Frei João Milton